



Fachada do prédio da Faculdade de Medicina de São Paulo, na atual Avenida Doutor Arnaldo: a escola trouxe uma nova forma de ensino de medicina para o Brasil e deu origem ao Hospital das Clínicas

Da teoria à prática

O Hospital das Clínicas, o pioneiro hospital-escola da América Latina, era o sonho do primeiro diretor da Faculdade de Medicina

Por Bárbara Bretanha

Imagine descobrir, na mesa de operação, que o médico prestes a realizar sua cirurgia tem pouca familiaridade com o bisturi. Até a criação do hospital-escola – instituição que permite aos estudantes de medicina praticar as técnicas aprendidas na faculdade em um ambiente real, porém controlado –, esse cenário não era tão absurdo.

Tudo mudou em 19 de abril de 1944. Enquanto o País celebrava o aniversário do então presidente Getúlio Vargas, o **Estado** anunciava, entre as comemorações, a inauguração do primeiro hospital-escola da América Latina, construído atrás da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, no bairro de Cerqueira César. Com 11 andares e feito de concreto armado, o “magnífico (*sic*) edifício” seguia a mais moderna arquitetura da época, “uma obra de proporções desconhecidas na América do Sul”.

A inauguração representava a consolidação de um antigo sonho do médico Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho, primeiro diretor da Faculdade de Medicina, que protagonizou o aperfeiçoamento do ensino médico paulista. Ele pregava a necessidade de o aprendizado científico ser sempre acompanhado da prática experimental. Para isso, deveria existir um aparato físico com laboratórios de pesquisa

e o hospital-escola, além de profissionais bem-formados e alunos preparados para atender às exigências curriculares.

A inauguração do HC era prenúncio de um futuro em que o progresso científico e a educação avançariam a passos largos. O jornal apostava que se tratava de um embrião. “Ao lado desse estabelecimento erguer-se-ão outros, destinados a formar um verdadeiro centro da ciência médica em São Paulo.” Hoje, considerado o primeiro e maior hospital-escola da América Latina, o HC é uma referência mundial em pesquisa e procedimentos avançados.

Necessidade da cidade

A construção do hospital resolvia o problema educacional e, de quebra, social. Já se registrava o crescimento da população da cidade. Isso, somado à incidência cada vez maior de casos complexos, exigia que São Paulo tivesse um pronto-socorro capacitado. “Ele veio a ser criado como contrapartida à construção da faculdade, nos moldes do sistema americano de ensino em que os alunos deveriam ter tempo integral num hospital de treinamento. É o que se entendia ser o melhor”, afirma José Otávio Costa Auler Junior, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo – a antiga Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo –, também

ACERVO ESTADÃO



O pai da medicina em São Paulo

O campineiro Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho diplomou-se em 1888, aos 21 anos, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O doutor Arnaldo, que dá nome a uma das principais avenidas de São Paulo, foi o primeiro diretor e catedrático da cadeira de Ginecologia da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, que nos anos 30 seria incorporada à nascente Universidade de São Paulo. O médico foi um grande renovador do ensino no País. “Os cursos não tinham nada de prático, os laboratórios eram paupérrimos e as clínicas defeituosamente assentadas. Os professores tentavam compensar o que lhes faltava em técnica por manifestação retórica de uma exuberância tropical de uma beleza peregrina, mas de resultados pouco apreciáveis”, escreveu em suas memórias sobre a escola do Rio de Janeiro. Quando morreu, em 6 de junho de 1920, o Estado dedicou uma página inteira em sua homenagem. Seu apelido era “o Príncipe da Cirurgia”.



Cirurgia conduzida por Vieira de Carvalho (o segundo da esquerda para a direita): novo patamar de aprendizado

A CONSTRUÇÃO DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS RESOLVEU UM PROBLEMA EDUCACIONAL E TAMBÉM UMA SÉRIA QUESTÃO SOCIAL

conhecida como a “Casa de Arnaldo”.

Quando a faculdade começou, em 1912, a sede funcionava no Largo São Francisco, no centro de São Paulo, em um prédio de instalações e aparelhagem precárias, com deficiência de corpo docente e despreparo dos alunos ingressantes. Até o HC abrir as portas, os alunos praticavam na Santa Casa de Misericórdia, único pronto-socorro disponível, que também sofria com a falta de infraestrutura. Os 480 leitos eram insuficientes para a quantidade de enfermos e moribundos que buscavam atendimento.

Fundação Rockefeller

O quadro começou a mudar em 1918, quando Vieira de Carvalho enviou uma carta à Fundação Rockefeller pedindo financiamento para melhorias. Dessa proposta surgiu o plano do hospital-escola, com auxílio do governo federal. O projeto seria concretizado 26 anos depois, no governo de Adhemar de Barros. Médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio, como Vieira de Carvalho, ele deu prio-

riedade à construção do hospital.

Passados oito anos da inauguração do HC, o **Estado** fez uma reportagem avaliando positivamente o hospital-escola. “De início, muitos não perceberam o grande alcance deste aspecto peculiar do nosso PS. Mas os excelentes resultados desta feliz experiência de cerca de 8 anos permitiram verificar na prática as inúmeras vantagens de estar um serviço desta natureza intimamente ligado à universidade.”

O entusiasmo seria repetido em 8 de maio de 1968, quando a equipe de Elyci-des Zerbini inseriu o Hospital das Clínicas na história da medicina mundial, cinco meses após o pioneiro procedimento do gênero, realizado na África do Sul, onde o primeiro transplante de coração da América Latina. No ano seguinte **Estado** exibiria a manchete “50º aniversário já traz tranquilidade”, comemorando também o avanço na cirurgia de rins.

Ao longo do tempo, foram surgindo institutos de especialidades dentro do HC. O primeiro foi o Instituto do Câncer, anunciado em 1974 com projeto inovador. Em vez de ser encaminhado diretamente ao médico, o paciente teria de passar por triagem e exames de rotina, para só então ser mais bem direcionado. Atualmente, com quase 23 mil funcionários, o HC tem o dobro do número de leitos, 2.200, e mais de 50 mil pessoas por dia recebe, todos os anos, em média 180 alunos e 1.600 mil residentes de todas as especialidades. “Acredito que hoje seja um privilégio do povo paulista”, diz Auler Junior.